

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/288507725>

# Dez Anos Sem Lia Haguenuer

Article in *Revista de Economia Contemporânea* · January 2012

---

CITATIONS

0

---

READS

113

1 author:



David Kupfer

Federal University of Rio de Janeiro

42 PUBLICATIONS 926 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Projeto do Livro Economia Industrial, fundamentos e práticas no Brasil, coordenado por David Kupfer e Lia Hasenclever. Primeira edição 200, segunda edição 2013 [View project](#)

# Dez Anos Sem Lia Haguenaue<sup>\*</sup>

David Kupfer<sup>‡</sup>

Lia Haguenaue conhecia como poucos as estatísticas industriais brasileiras e, por isso, entendia tão bem a indústria desse país. Ou será o contrário. Lia Haguenaue conhecia como poucos a indústria brasileira e, por isso, entendia tão bem as estatísticas industriais desse país. Certamente, ambos: Lia foi das maiores referências desse país tanto no tema das estatísticas industriais quanto da indústria brasileira.

Conheci Lia em 1984 quando ela se juntou a um grupo de pesquisadores do então IEI/UFRJ para desenvolver o conceito e metodologias de delimitação dos Complexos Industriais, um poderoso instrumento tanto para diagnóstico como para proposição de políticas industriais que, de certo modo, teve seu uso atropelado ainda na infância pela abertura comercial posta em amrcha no Brasil no final dos anos 1980 e início dos 1990 e a consequente quebra dos elos das cadeias produtivas. Mas o novo quadro econômico e institucional que então se construía trazia também um novo tema de pesquisa, igualmente rico e desafiador para a formulação de políticas industriais, que era a questão da competitividade. A partir de então, tive a oportunidade e o enorme prazer de trabalhar com Lia por quase quinze anos, sempre pensando e tentando explicar o que fazer para reverter a trajetória de perda de substância da indústria brasileira que antevíamos, ela antes de todos, como registrou nesse trecho de um artigo publicado no jornal Gazeta Mercantil em 27 de dezembro de 1995<sup>1</sup>:

“Se a globalização representa a disseminação da oferta de produtos de maior qualidade e menor preço, o acesso a esses bens depende da contrapartida da produção, da geração local de renda. Países excluídos na produção globalizada assistem à deterioração de suas condições sociais e econômicas e a incerteza associada aos fluxos internacionais de capitais mostra a inviabilidade de prolongados déficits na balança comercial”.

O maior dos trabalhos que realizamos foi a coordenação setorial do Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira (ECIB), pesquisa de grande porte realizada pelo IE/UFRJ e IE/UNICAMP em 1992-93 sob a coordenação geral de Luciano Coutinho e João Carlos Ferraz e que contou com a participação de mais de 80 especialistas espalhados por todo o país. Nessa pesquisa, que nos deu a oportunidade de acompanhar “por dentro” a elaboração de 32 estudos setoriais, uma pesquisa de campo com mais de 1.500 empresas e cerca de 25 workshops, além da elaboração do relatório de síntese da indústria (Parte III de Coutinho e Ferraz, coord. Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira. Papirus. Campinas. 1994).

As reflexões conceituais e, especialmente, o material empírico que pudemos reunir ao longo do

---

<sup>\*</sup> Publicado na Revista de Economia Contemporânea. vol.16 no.1, 2012. Esse texto foi escrito em junho de 2002

<sup>‡</sup> Professor do Instituto de Economia da UFRJ, Coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade e Editor da Revista de Economia Contemporânea.

<sup>1</sup> Haguenaue, L.; Kupfer, D. e Ferraz, J.C. Dez Pontos Frágeis da Indústria Brasileira. Gazeta Mercantil. 27 de dezembro de 1995.

ECIB, permitiram que escrevêssemos, juntamente com João Carlos Ferraz, o livro *Made in Brazil*<sup>2</sup>. Lia foi, como sempre, a peça chave do processo de elaboração do livro, a garantia de qualidade. Quando terminamos a preparação dos originais houve um episódio que revela bem a simplicidade e sabedoria com que Lia sempre conseguia superar problemas, principalmente as falsas questões. O título do livro, *Made in Brazil*, havia sido aceito consensualmente mas apenas quando o texto ficou pronto surgiu o problema prosaico: como deveria ser grafado o nome do país: Brazil ou Brasil. Para minha surpresa, que defendia Brasil com S como se fora uma bandeira nacionalista, Lia preferiu o Brasil com Z. Questionada a respeito, Lia, que certamente era a mais visceralmente nacional-desenvolvimentista dentre nós, não perdeu tempo com falsas polêmicas. Tomou emprestado de Aldir Blanc os versos que acabaram se tornando a epígrafe do livro: “O Brazil não conhece o Brasil, O Brasil nunca foi ao Brazil” (Querelas do Brasil, Maurício Tapajós e Aldir Blanc)

Lia realizou um sem-número de trabalhos enfocando setores, cadeias e regiões que são verdadeiras lições sobre pertinência nas escolhas metodológicas, rigor no uso da informação e qualidade analítica na elaboração do texto. Dentre esses, a contribuição acadêmica mais importante que Lia deixa, ao meu juízo, foi um artigo chamado *Competitividade: Conceitos e Medidas* (Texto para Discussão 211, IE/UFRJ). Escrito em 1988, quando competitividade era ainda um tema (mal) tratado somente como um conceito estático, quase sempre limitado a interpretações mecânicas das variações de indicadores quantitativos de desempenho exportador, o artigo busca examinar justamente as formas como a noção de competitividade era apreendida como resultante de variadas bases teóricas, percepções da dinâmica industrial e mesmo ideologias dos diversos autores resenhados. Muito além da discussão conceitual pura e simplesmente, o maior valor do artigo está nas implicações para a avaliação da indústria e para a proposição de políticas que consegue extrair do debate, como, diga-se de passagem, é a marca de toda a produção intelectual de Lia.

Sua última contribuição publicada teve a sina de um testamento. No livro-texto *Economia Industrial: Fundamentos Teóricos e Práticas no Brasil* (ed. Campus), publicado em março de 2002, meses antes de sua morte, Lia escreveu, com Magdalena Cronemberger, o último capítulo, chamado *Um Guia para Análises Empíricas*. Na introdução há um trecho que vale a pena transcrever pelo didatismo com que percorre o sinuoso caminho que liga a teoria à empiria:

*“A tradução empírica dos elementos teóricos abordados nos diversos capítulos deste livro nem sempre é viável. A teoria, em geral, diz respeito a comportamentos e relações estabelecidas ex ante entre agentes e variáveis específicas, enquanto as estatísticas representam o resultado ex post da interação de todos os fatores que podem afetar o fenômeno em questão. As estatísticas correspondem a observações de variáveis em um ponto do tempo, possibilitando apenas a inferência de relações ou comportamentos, mediante a comparação de variações no tempo (séries temporais) e/ou entre diferentes agentes (comparações entre regiões geográficas, empresas de diferentes tamanhos, tipos de propriedade do capital, etc.). Essa tradução exige ainda a correspondência precisa entre o fenômeno que se deseja observar e a base de*

---

<sup>2</sup> Ferraz, J. C.; Kupfer, D e Haguenaer, L. (1995). *Made in Brazil: Desafios Competitivos para a Indústria Brasileira*. RJ. Editora Campus. disponível em [http://www.ie.ufrj.br/gic/livros/made\\_in\\_brazil.pdf](http://www.ie.ufrj.br/gic/livros/made_in_brazil.pdf)

*dados a ser utilizada, notadamente quanto a: agentes –definição e seleção das unidades de informação às quais se referem as estatísticas - e classificações – critérios utilizados para o agrupamento dos agentes -, além da escolha e conceituação das variáveis investigadas.”*

Com Lia aprendi que a reflexão teórica, embora fundamental, de pouco vale se dela não se consegue derivar conseqüências práticas. Defensora intransigente dos princípios de igualdade e justiça, conseguia combinar a radicalidade (e não radicalismo) das suas posições filosóficas e políticas com uma enorme capacidade de diálogo. Todos que a conheceram sabem que essa foi a sua maior contribuição. Infelizmente, essa não é transmissível em artigos acadêmicos. Cabe a nós que tivemos a oportunidade e o prazer de com ela conviver levá-la adiante.